

As poéticas de cuidado com o meio ambiente na literatura infantil e juvenil brasileira

The poetics of environmental care in brazilian children's and young literature

Eliane Santana Dias Debus

Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Professora da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC – Brasil.
elianedebus@hotmail.com

José Carlos dos Santos Debus

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor colaborador da
Unidade de Educação de Santa Catarina. Florianópolis – SC – Brasil.
zecedebus@gmail.com

Resumo: O artigo busca problematizar a temática do meio ambiente na literatura para infância e juventude, em particular naquelas narrativas que apresentam e representam a relação das personagens com os recursos hídricos, levando em conta o contexto da discussão da preservação natural como primícia, recaindo sobre títulos que têm as águas como força potencializadora: *Os rios morrem de sede* (1976), de Wander Piroli, e *Água de anil* (2014), de Nilma Lacerda. Procuramos evidenciar nestas narrativas uma poética de cuidado com o meio ambiente, para isso nos apoiamos nos estudos da Ecoliteracia (RAMOS; RAMOS, 2013) e os estudos da Ecocrítica (CAPRA, 2008; GARRARD, 2006). Constatamos na análise a recorrência do cuidado de forma diversa, porque diferentes são os momentos históricos da escrita e o contexto da produção afeta o resultado para esse leitor que já não é mais o mesmo. No entanto, não impossibilita a experiência leitora com as questões ambientais.

Palavras-chave: Literatura. Temática do meio ambiente. Poética de cuidado.

Abstract: The article seeks to problematize the environmental theme in the literature for childhood and youth, in particular in those narratives that present and represent the relationship of characters with water resources, taking into account the context of the discussion of natural preservation as a first step, falling on titles that have the waters as a potentiating force: *The rivers die of thirst* (1976), Wander Piroli, and *Agua de anil* (2014), by Nilma Lacerda. We try to show in these narratives a poetic of care with the environment, for this we support the studies of Ecoliteracia (RAMOS, RAMOS, 2013) and Ecocritical studies (CAPRA, 2008, GARRARD, 2006). We find in the analysis the recurrence of care in a different way, because different are the historical moments of writing and the context of production affects the result for this reader who is no longer the same. However, it does not preclude the reader experience with environmental issues.

Keywords: Literature. Theme of the environment. Poetic of care.

O presente artigo busca problematizar a temática do meio ambiente na literatura infantil e juvenil brasileira, em particular naquelas narrativas que apresentam e representam a relação das personagens com os recursos hídricos. Levando em conta o contexto da discussão da preservação natural como primícias, nosso foco recai sobre títulos de autores

brasileiros de tempos distintos, são eles *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato, publicado pela primeira vez em 1920; *Os rios morrem de sede*, de Wander Piroli, publicado na década de 1970 e *Água de anil*, de Nilma Lacerda, publicado na segunda década do século XXI, procurando evidenciar nessas narrativas, cada qual a seu modo, uma poética de cuidado com o meio ambiente.

O momento histórico da escrita das narrativas em questão, por certo, corrobora para uma visão distinta da natureza, em particular a temática da água, bem como nos modos comunicativos desses com o público leitor criança. Uma visão encantatória da representação da água, alongada por um período de poucas indústrias poluentes e a não escassez de recursos hídricos, na década de 1920, a uma visão de denúncia na década de 1970, momento dos resultados dos primeiros impactos de destruição da natureza no Brasil e outra, no início do terceiro milênio, que agudiza a relação das mãos humanas e as relações de poder. Assim, as palavras que emergem dessa escrita se circunscrevem as águas doces de três rios de travessias diversas.

A leitura dessas narrativas se articula as leituras de referenciais teóricos sobre e para a educação literária, para a Ecoliteracia, em particular nos estudos de Ana Margarida Ramos e Rui Ramos (2013) articulados ao projeto “Meio ambiente e ecoliteracia na novíssima Literatura Infantil e Juvenil”, bem como uma aproximação com os estudos da Ecocrítica (CAPRA, 2008) que buscam estudar a relação entre literatura e meio ambiente.

Dos dizeres da natureza – para além e com o literário

Água que nasce na fonte serena do mundo
E que abre o profundo grotão
Água que faz inocente riacho e deságua
Na corrente do ribeirão
Águas escuras dos rios
Que levam a fertilidade ao sertão.

(Guilherme Arantes – Planeta Água)

A música “Planeta Água”, concorrente do Festival MPB Shell em 1981 - integra o álbum “O amanhã” pela Elektra -, que compõe a discografia do compositor e cantor brasileiro Guilherme Arantes, anuncia de forma sensível, e poderíamos dizer também romântica e idealizada, a importância da água e a relação e dependência dos seres vivos com esse bem tão precioso. Música símbolo de um período em que as discussões no Brasil sobre o meio ambiente se faziam ainda novidadeiras. Da década de 1980 a esta segunda década do

século XXI, transformações no modo de ser e pensar a natureza se fizeram e o debate sobre o tema se agudizou.

O Brasil, por certo, é privilegiado no que diz respeito aos mananciais de águas que habitam seu solo. Em suas terras, de dimensões continentais, se abriga uma grande parte do Sistema Aquífero Guarani, manancial de água doce subterrânea, que tem fronteira com os países da América latina Paraguai, Uruguai e Argentina, sendo que no Brasil o aquífero está distribuído no solo de oito estados. No entanto, tal fato não inviabilizou a crise de água na maior cidade do país, São Paulo, por exemplo, provocando um racionamento sem precedentes na história nos anos de 2013 e, principalmente, 2014. Evidenciando o quão somos dependentes da água e que não existem projetos em longo prazo que evitem tal crise, já que estava anunciada há alguns anos.

Tal situação demonstrou o descuido das mãos humanas, seja no aspecto privado, seja no aspecto público. O uso indiscriminado da água no dia a dia das pessoas comuns e pequenas empresas (lavação de calçadas, prédios, entre outros), como no dia a dia de pessoas públicas, responsáveis por políticas de cuidado (ausência de um cuidado em longo prazo; falta de previsão e provisão) promoveu uma crise exigindo uma mobilização por partes de diferentes instâncias.

Da mesma forma, o desastre ambiental sem precedentes no distrito de Bento Rodrigues, localizado no município de Mariana (Minas Gerais/Brasil) provocado pelo rompimento de duas barragens de rejeitos de minério de ferro da empresa Samarco, em 05 de novembro e 2015, potencializa as discussões sobre os cuidados e preservação com o meio ambiente, a partir do cenário de desolação que tomou conta da região e se estendeu por outros estados; rios e córregos foram engolidos por lama; a vida marinha extinta: peixes soterrados; solo esterilizado sem possibilidade de vida, tal resultado demonstra como a natureza é frágil impotente diante da ação humana.

O discurso de defesa e preservação da natureza, bem como de políticas de sustentabilidade ecoa por diferentes redes e se anuncia como imprescindível neste século XXI em que a natureza grita. Uma nova consciência e comportamento dos cidadãos – crianças, jovens, homens e mulheres – gentes de todas as etnias, gêneros e classes sociais – é exigido nestes tempos marcados pelo consumo descartável e aligeirado dos bens de consumo.

Seria possível promover práticas de cuidado e proteção do meio ambiente por meio do texto literário sem cair em discursos moralizantes e esvaziados? A literatura para crianças e jovens tematiza em suas narrativas a problemática ambiental? Quais as relações

estabelecidas entre o tempo histórico (passado/presente/futuro) e os discursos para infância nos livros literários?

No artigo “Os primórdios da relação entre literatura para a infância e ambiente em Portugal” (2017), Ângela Balça e Fernando Azevedo traçam um panorama da temática ambiental na literatura para infância portuguesa, demarcando a década de 1970 como marco crucial da sua inserção, a partir de dois acontecimentos. O primeiro de nível mundial diz respeito à Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (1972) e outro local que se refere a Revolução de 25 de Abril de 1974. Os estudiosos analisam títulos considerados emblemáticos, como *Valéria e a Vida* (1976) e *Voa, pássaro, voa* (1978), de Sidônio Muralha, *Beatriz e o Plátano* (1976), de Ilse Losa e Sílvia Montarroyos e *Histórias do bichinho qualquer* (1980), de Silvia Montarroyos.

No artigo “Ecoliteracia e literatura para a infância: quando a relação com o ambiente toma conta dos livros”, Ana Margarida Ramos e Rui Ramos (2013) analisam um conjunto de títulos portugueses para infância a partir da década de 1960, com ênfase nos contemporaneíssimos, elencando a representação da natureza nesses títulos e a sua importância para um respeito para com a natureza. Levando em conta a semântica da palavra ecoliteracia – eco/oiko (casa) e literacia (conhecimento/competência) os autores destacam que “o indivíduo possuidor de ecoliteracia, ou literacia ecológica, será aquele que detém competências e conhecimentos acerca da sua ‘casa’, aqui tomada como o ecossistema planetário”. (RAMOS; RAMOS, 2013, p. 17); esse indivíduo teria uma relação sustentável com os elementos com os quais; seria responsável por suas atitudes e ações.

Segundo Ramos e Ramos (2013, p. 17):

A ecoliteracia é a capacidade de os cidadãos desenvolverem um tipo de pensamento favorável à desconstrução do paradigma antropocêntrico que caracteriza as sociedades ocidentais e as suas consequências mais diretas, nomeadamente a concessão do homem como legítimo explorador do meio natural em seu proveito e a da natureza como uma inesgotável fonte de bens ao dispor de todas as necessidades e desejos humanos (o providencialismo). A essa desconstrução corresponde a edificação de uma concessão ecocêntrica, segundo a qual o homem se encontra integrado num sistema biológico complexo, cujo equilíbrio deve constituir uma aspiração individual e coletiva.

Capra (2008) remete a uma “alfabetização ecológica” que deveria ser parte importante de todas as esferas, entre elas a educação em todos os seus níveis de ensino, não ficando circunscrita a uma disciplina, mas presente poderíamos dizer, enraizada ao currículo escolar como um todo. Ainda, segundo o autor, as artes, e nesse caso específico de nosso texto, a narrativa literária pode ser “um instrumento poderoso para ensinar o pensamento

sistêmico.” (CAPRA, 2008, p. 24-5), em que as relações estão imbricadas fio a fio, pois fazemos parte do mesmo tecido que constitui a biosfera.

Nem tão perto, nem tão longe podemos trazer a ecocrítica para esse diálogo ao refletirmos sobre a representação do meio ambiente na literatura, pois a ela coube o estudo relacional dessas duas áreas. O termo *ecocriticism* cunhado na década de 1970, por meio de algumas coletâneas produzidas na década de 1980, é um campo de estudo que se efetiva na década de 1990, quando é criada a disciplina Literatura e Meio Ambiente na Universidade de Nevada, Reno, Estados Unidos da América. (PINTO; MAGALHÃES, 2013).

Garrard (2006) em seus estudos descreve três tropos, figuras de como a natureza é representada, consubstanciados na relação homem e natureza: a pastoral, o mundo natural e o apocalíptico. Nos dois primeiros a relação estésica com a natureza, numa compreensão das sensações e da relação com o meio de forma aprazível faz parte das representações; no último numa relação apocalíptica, por vezes desacreditada pelas versões proféticas de aniquilação da natureza, é uma das mais recorrentes pelos ambientalistas contemporâneos. Não buscaremos obrigatoriamente ler os títulos propostos pela lente dos tropos, mas eles nos ajudam a situar uma representação de natureza, cada qual nos seu tempo histórico.

Sob a mirada dos estudiosos aqui elencados adentramos a análise dos três títulos anunciados, trazendo para o debate da literatura para infância a conexão entre o contexto da escrita: a realidade literária (ficcional) e o contexto da leitura: a realidade vivida (de carne e osso) e como elas se imbricam.

Que águas deságuam na literatura brasileira para infância? Três livros, três momentos

Não temos a pretensão de fazer um mapeamento quantitativo dos títulos brasileiros para infância que tematizam a água, até porque seria difícil quantificá-los e qualificá-los no que se refere aos seus fins, de mera representação ambiental para a movimentação das personagens ao protagonismo da cena. Deteremos-nos, como já explicitado, em três livros específicos que foram publicados em três momentos distantes temporalmente no contexto brasileiro: *Reinações de Narizinho* (1931), de Monteiro Lobato, circunscrito ao universo dos primeiros livros infantis produzidos no Brasil; *Os rios morrem de sede* (1976), de Wander Pirolí, pertencente à fase do “boom” da literatura para infância e juventude e *Água de Anil* (2014),

de Nilma Lacerda publicado nesta segunda década do século XXI, ou seja, quase 80 anos o separam do primeiro livro em análise.

A temática da natureza sempre esteve presente nas narrativas infantis, a representação da fauna e flora, tem sido um dos grandes objetos dessa produção. Embora tenhamos autores que cantaram de forma ufanista as belezas da pátria, como os versos de Olavo Bilac no início do século XX, e a partir de uma visão nacionalista como as narrativas de Monteiro Lobato na década de 1920, sabe-se que a temática se sobressai a partir do final da década de 1970, trazendo para o cenário da escrita para infância e juventude a denúncia de depredação da natureza pela mão humana à narrativas denúncias de uma crise ecológica do início do século XXI que demarcam a devastação da natureza, como o recente *Um dia, um rio* (2016), de Leo Cunha, com ilustrações de André Neves, que tematiza a morte do Rio Doce/Mariana - de forma sensível e encharcada de poeticidade. Na correnteza barrenta do rio em suspensão as palavras navegam denunciando, mas ao mesmo tempo anunciando possibilidade de redenção. As ilustrações de André Neves, por certo, impactam o leitor desmobilizando-o do seu olhar cotidiano ao focar nos pequenos restos/objetos cobertos de barro/lama. Os dizeres dessa narrativa instauram outra maneira de trazer as discussões ambientais sobre os lugares que habitamos e que nos habitam, de forma singular e distinta do cotidiano, inaugurando um olhar alargado sobre o tema.

Narrativas de ontem e de hoje que nos cabe seguir o percurso.

Primeiro Momento – navegando por águas límpidas

O escritor Monteiro Lobato publicou seus livros para crianças entre o período de 1921 e 1945, a par de outros títulos, como *Histórias Diversas* e textos esparsos, publicados pós-morte. Sua literatura trouxe à cena uma representação de criança irrequieta, perguntadeira, criativa, em contraponto com as crianças reais que não possuíam espaço para colocarem em exercício suas traquinagens, cercadas que estavam pelo mundo dos grandes.

Em 1931 Lobato reúne em um único exemplar denominado *Reinações de Narizinho* 11 livros que obedeciam a características específicas que inseriam no mesmo plano a realidade e o imaginário, sem fins mais específicos do que o da própria “alegria” do ato de ler, prazer a ser descoberto pelo leitor nas linhas e entrelinhas de histórias que partiam do microuniverso do Sítio do Picapau Amarelo e, muitas vezes, se estendiam por espaços temporais e geográficos ora determinados, ora indeterminados. Exemplo disso está no livro *Pena de papagaio* (1930), em que, como que entrando numa máquina imaginária do tempo, as

personagens são transportadas ao mundo das fábulas a dialogar com os fabulistas Esopo e La Fontaine.

Duas são as narrativas desse livro que nos servem de mote à escrita: “Narizinho Arrebitado” e “Reino das Águas Claras”. A representação da água no microuniverso do Sítio do Picapau Amarelo, criado por Lobato é construída em dois planos: um do “real” da vida cotidiana das personagens, representado pelo ribeirão que corta o Sítio de Dona Benta e outra “paradisiaca” e fantasticamente ficcional no plano onírico das crianças em viagem por espaços fantásticos, como o Reino das Águas Claras.

Corre pelos fundos do pomar do Sítio um ribeirão de águas “apressadinhas e mexeriqueiras”, e é em sua beirada que a menina Narizinho e a boneca Emília “sentam na raiz dum velho ingazeiro para dar farelo de pão aos lambaris.” (LOBATO, 1993, p.7). No plano do sono sonhado, a menina e a boneca visitam o Reino das Águas Claras, espaço paralelo ao Ribeirão em que habitam serem marinhos de toda espécie, inclusive o Príncipe escamado, pretendente da menina:

Que lindos lugares ela viu! Florestas de coral, bosques de esponjas vivas, campos de águas das formas mais estranhas. Conchas de todos os jeitos e cores. Polvos, enguias, ouriços – milhares de criaturas marinhas tão estranhas que até apreciam mentira do barão de Munchause. (LOBATO, 1993, p.12).

A poética lobatiana é a da exaltação da natureza potencializadora de uma beleza impar, uma visão nacionalista e positiva da natureza. Uma natureza sem a interferência da mão humana. Os personagens lobatianos usufruem dela em seu estado bruto, sem o conflito entre uso e abuso.

Podemos aqui retomar a ideia de “tropos mundo natural” (GARRAD, 2006) de um Reino fantástico intocado pelas mãos humanas, preservado do olhar adulto, privilégio de usufruto da infância, pois somente à Narizinho e Emília é permitido o encontro num Reino de Águas tão límpidas. Por outro lado, o ribeirão, localizado no Sítio “real”, é lugar de repouso e remanso, portal para o fantástico.

Segundo momento: condições adversas de navegação

A produção de Wander Pirolí surge na década de 1970, dentro de um momento específico da literatura infantil brasileira, em que os temas até então silenciados como a

representação realista da infância, a separação dos pais, morte, a preocupação ecológica, entre outros se tornam possibilidades de enredo. *O menino e o pinto do menino* e *Os rios morrem de sede*, ambos do autor e publicados na Coleção do Pinto, da Editora Comunicação, de Belo Horizonte. Segundo Lajolo e Zilberman (1987, p. 126) “parece ter cabido a ela a consolidação (mesmo que ao preço de um certo escândalo) de uma literatura infantil comprometida com a representação realista e às vezes violenta da vida social brasileira”.

Na narrativa *Os rios morrem de sede*, o pai, ontem filho, leva agora o seu menino, como o seu pai o fazia, para pescar, isso fica evidenciado quando diz a sua esposa: “– Você sabe, nega: eu sou o Bumba, Bumba sou eu. Como papai era então eu, e agora eu sou ele.” (PIROLI, 2015, p. 16). Revestido de uma memória nostálgica o homem realiza os preparativos que antecedem a pescaria, envolto em minúcias e calma: preparar o alforje, as varas de pescar, a garrafa de café, tudo organizado para a saída na mansidão da manhã, mal o dia clarear. Alertado pela esposa de que o rio não seria mais o rio da sua infância, ele alerta:

- Eu achava que vocês não deviam ir lá – observou a mulher.
- Tenho que ir.
- Deixa então o Bumba.
- Eu esperei ele crescer, nega. Ele precisa ir. Ele vai comigo como se eu estivesse indo com papai e nada tivesse mudado.
- Você sabe que tudo está mudado. Você mesmo disse que até o rio está acabando. (PIROLI, 2015, p. 17).

No percurso – das ruas silenciosas de Belo Horizonte ao trajeto da Estação de Trem – a viagem que busca unir os fios do passado vai sendo costurada pelo diálogo da rememoração do pai que traz ao filho o rio da sua infância. Ao chegar próximo do rio, encontram um velho canoeiro que vive não mais dos peixes mas da venda de areia, pois o rio se transformará em certa parte num imenso areal.

O rio não é mais o mesmo. O rio largo, profundo e limpo de outrora era agora raso, encardido e de margens despidas.

Desceram a plataforma e foram caminhando em silêncio ao lado da linha do trem, até encontrar uma estradinha que devia levar ao rio. [...] Através da neblina, notou que a margem do outro lado do rio também estava pelada, e o rio, quase no osso, se estendia lento, a água suja, marrom. Não havia sequer um pequeno arbusto para dependurar o embornal. (PIROLI, 2014, p. 31).

A poética de Piroli é de denúncia, denúncia de destruição ambiental: “Os rios morrem de sede”. No entanto, a personagem adulta não se compromete e não se coloca como

culpado da destruição. A culpa é dos outros, “Os filhos da puta”. Frase forte que é repetida pelo filho, menino de sete anos que imita o pai repetindo “Fedaputa”. Mais brutal do que a expressão e o gesto do menino que acaba cuspidando no velho rio.

Aqui poderíamos fazer uma analogia com o Tropo pastoral (GARRARD, 2006) contrastando o passado de natureza exuberante em que o rio era “vivo” e o presente em que o rio está “morto”. A denúncia da destruição ecológica, embora seja o mote, ela não é realizada num tom profético de aniquilação, mas de resignação.

Terceiro momento - *Água de Anil*, de Nilma Lacerda

Nilma Lacerda e a literatura do século XXI – Texto não linear, composto de fragmentos de diferentes discursos (rol-lista; dramático, memorialístico); vozes que se cruzam e entrecruzam e deságuam nas mesmas águas, águas de anil. Os diferentes discursos na narrativa lhe dão um ritmo célere. Há uma urgência narrativa como as águas que correm e deságuam ...

Rosalvo, filho da lavadeira Dinalva, aprende muito cedo a ler o rol da lista das roupas lavadas por sua mãe. O menino estuda e se torna doutor deputado e a temática de preservação do meio ambiente, plataforma de sua eleição, é logo esquecida quando entra o jogo de forças do poder. Consciente da distância entre seus ideais de mocidade e seus atos, a personagem retoma a infância na procura do anil. O anil usado para limpar a roupa é o recurso usado pelo menino, já adulto, para renascer em outro lugar:

Já é madrugada. Cheiro de infância na casa, barulho de rio aqui dentro. Estou cansado, e é difícil dormir. O olhar de taturana arde em minha memória, revira camadas antigas, eus dentro de mim. Caminho em branco, sustos da noite, mágoas, lágrimas, manchas, respiração difícil. Minha vida tão ligada ao rol de roupa. Minha infância a se admirar da trouxa de roupa suja virando alva e cheirosa. Fico em casa nessa manhã. Preciso buscar esse olhar (LACERDA, 2014, p. 67).

A poética de Lacerda denuncia os discursos contraditórios do cuidado com as questões ambientais e os jogos de poder no plano político. Escrito de forma sensível a autora anuncia e denuncia o sentimento de culpabilidade da personagem que se purifica, não para se eximir, mas para retornar a luta. Uma luta que é política e economicamente ganha pelo lobby dos grandes produtores rurais. Rosalvo vai à lona sem lutar. Todas as conquistas que idealizou na juventude para a preservação da vida junto aos rios vão aos poucos se esvaindo

no emaranhado das concepções políticas dominantes. “Mais de uma vez planejei fazer umas viagens pelo estado, seguir o curso dos rios principais, ouvir o povo, ribeirinhos, pescador, mas Brasília é um sugadouro.” (LACERDA, 2014, p. 39). Rosalvo até se animava para a luta e ensaiava alguns embates. “Mas meus protestos se afogaram em água pouca. Engoli a seco [...]” (LACERDA, 2014, p. 41). Os rios, suas nascentes e as matas ciliares ficavam completamente desprotegidos diante da ampliação do cultivo da soja no cerrado e Rosalvo é calado diante de argumentos socialmente estabelecidos nos discursos majoritários e também se entrega a estes discursos: “A soja tem um impacto enorme no produto interno bruto. Cerrado não alimenta ninguém. Nem faz justiça social.” (LACERDA, 2014, p. 54). Sua derrota e a possibilidade de reação também são incorporadas pelos discursos dominantes e ele se entrega: “o fato é que na juventude somos levados por impulsos, fantasias; a maturidade pede prudência e moderação” (LACERDA, 2014, p. 54).

A luta em defesa das questões ambientais é assumida por outro narrador, o “garoto do blog”. Que começa questionando: “O verdes tão perdendo a guerra?” (LACERDA, 2014, p. 45). Há uma reflexão sobre o meio ambiente desde o mundo antigo, na Grécia. Com a natureza se modificando pela própria ação da natureza. Temos os fatos da natureza, mas também temos os fatos da ação do homem. Aqui o destaque da narrativa vai para “dialética do conforto”: “queremos um planeta saudável, mas buscamos luxos e comodidades que exigem enorme dispêndio de recursos naturais. Consumimos mais do que necessitamos, desperdiçamos sem remorso, a reciclagem é tímida [...]” (LACERDA, 2014, p. 45).

A narrativa de *Água de Anil* faz uma analogia com os quintais que já tivemos em nossas casas com pés de abacate, carambola, acerola, entre outras e que, por conta do consumismo e do desejo de morar perto do trabalho, os entregamos para a especulação imobiliária. Segundo o narrador, acabamos com o pé de abacate e começamos a fazer leis para proteger os abacateiros. Por outro lado, “os pés de abacate impendem o desenvolvimento de uma patente de abacate sintético que vai facilitar a vida das pessoas, então a lei dá uma volta para desproteger o que protegia.” (LACERDA, 2014, p. 49). Aqui entra o discurso político do contrassenso que dissimula e permite que “elegemos deputados verdes, senadores verdes, que encontram todas as justificativas para o voto contrário ao discurso que dizem defender.” (LACERDA, 2014, p. 49). Deste modo, “a soja avança sobre as veredas, lambendo o cerrado como língua seca. Em lugar da diversidade, uma única espécie que rende \$\$\$\$\$\$ nas exportações” (LACERDA, 2014, p. 49). São essas incongruências que engolem o político Rosalvo. “Filho da mãe de blog [...]. Tudo baderneiro [...]” (LACERDA, 2014, p. 63).

As angústias de Rosalvo o levam de volta a sua meninice a procura de anil para purificar sua vida. “Ainda me lembro? Encher o balde de água, dissolver o anil, embeber o pano, torcer para tirar o excesso, enrolar o pano na vassoura, passar no chão, depois nas paredes, nos móveis. [...] Deixar as janelas abertas para secar naturalmente” (LACERDA, 2014, p. 67).

O tom profético de uma natureza aniquilada - não pelo indivíduo, mas pelo coletivo; não pelo privado, mas pelo público – se faz audível em *Água de anil*.

Na imprecisão da vida, navegar é preciso

Levando em conta o contexto da discussão da preservação natural como primícia, nosso foco recaiu sobre os títulos que têm as águas como força potencializadora, entre eles *Reinações de Narizinho* (1920), de Monteiro Lobato; *Os rios morrem de sede* (1976), de Wander Pirolí e *Água de anil* (2014), de Nilma Lacerda, procurando evidenciar nestas narrativas uma poética de cuidado com o meio ambiente. Constatamos que a recorrência do cuidado se dá de forma diversa, porque diferentes são os momentos históricos da escrita e o contexto da produção afeta o resultado para esse leitor que já não é mais o mesmo. No entanto, não impossibilita a experiência leitora de modos distintos de ver e viver as questões ambientais.

Com(o) (con)viver na natureza? Ontem e hoje, nas narrativas, somos convidados a reflexionar as distintas posturas de habitar, mas, por certo, o habitar “não é uma estado transitório; ao contrário, implica a imbricação a longo prazo dos seres humanos numa paisagem de memória, ancestralidade e morte, de ritual, vida e trabalho.” (GARRARD, 2006, p. 154).

Os dizeres dessas narrativas instauram outra maneira de trazer as discussões ambientais sobre os lugares que habitamos e que nos habitam, de forma singular e distinta do cotidiano, inauguram um olhar alargado sobre o tema, auxiliando na construção de um pensamento ecológico. Podemos por certo crer em uma educação ecológica por meio de uma educação literária.

Somos náufragos a deriva, a espera do outro que nos transporte a um lugar seguro para aportar. No entanto, seria importante pensar que na imprecisão da vida, navegar é preciso.

Referências

- BALÇA, Angela; AZEVEDO, Fernando. Os primórdios da relação entre literatura para a infância e ambiente em Portugal. *Textura*, v. 19 n. 39, jan./abr.2017.
- CAPRA, F. Educação. In: TRIGUEIRO, A. (Coord.). *Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. 5 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. p. 19-33.
- CUNHA, Leo. *Um dia, um rio*. Ilustração de André Neves. São Paulo: Pulo do Gato, 2016.
- DISCOGRAFIA PLANETA ÁGUA. Festival MPB Shell, 1981. Álbum O Amanhã (pela Elektra).
- GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Editora UNB, 2006.
- LACERDA, Nilma. *Água de anil*. Il. Kammal João. São Paulo: DSOP, 2014.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. São Paulo: Ática, 1987.
- LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. Ilustração de Manuel Victor Filho. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- PINTO, Francisco Neto Pereira Pinto; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. Contribuição da ecocrítica ao ensino de literatura. *Litterata*, v.3, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/808/832>>. Acesso em: 21 nov. 2018.
- PIROLI, Wander. *Os rios morrem de sede*. Ilustração de Lelis. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- RAMOS, Rui; RAMOS, Ana Margarida. Ecoliteracia e literatura para a infância: quando a relação com o ambiente toma conta dos livros. *Solta Palavra*, 19, Porto, abr. 2013. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23877/1/Ramos%2c%20A.%20M.%20e%20Ramos%2c%20R..pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

recebido em 03 set. 2018 / aprovado em 19 nov. 2018

Para referenciar este texto:

DEBUS, E. S. D.; DEBUS, J. C. S. As poéticas de cuidado com o meio ambiente na literatura infantil e juvenil brasileira. *Dialogia*, São Paulo, n. 30, p. 35-46, set. /dez. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.5585/Dialogia.n30.10420>>